

humanitas

Vol. LXVIII
2016

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

MORÃO, Paula e PIMENTEL, Cristina (eds.), *Matrizes clássicas da Literatura Portuguesa: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*, 550 pp., Lisboa, Campo da Comunicação, 2014, ISBN 978-989-8465-24-5

Recensão recebida a 19-07-2016 e aprovada a 29-07-2016

Organizado por Paula Morão e Cristina Pimentel, este volume inclui 42 estudos dedicados a diferentes épocas e géneros da Literatura Portuguesa, precedidos de um texto introdutório de Maria Helena da Rocha Pereira - “Em volta do milagre grego” - e seguido por “Testemunhos” dos escritores Ana Soares e Bárbara Wrong, Hélia Correia, Ivone Mendes da Silva, Jaime Rocha e Nuno Júdice.

Um breve prefácio assinado pelas duas coordenadoras explica a génese e motivação desta obra. Trata-se de coligir estudos apresentados na 2ª edição do Colóquio *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*, realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em 2013. Focado na recepção diacrónica de temas clássicos, este estudo inclui-se numa vasta bibliografia que, hoje em dia, vai abarcando o mesmo motivo nas mais variadas literaturas do mundo. Não deixa, mesmo assim, de apresentar a originalidade que resulta de tomar por assunto uma produção literária - a portuguesa - onde este tipo de abordagem carece ainda de muita investigação. Sem pretender ser sistemático, o âmbito tratado é, no entanto, de grande amplitude temporal, percorrendo uma trajectória que se inicia com textos da lírica galaico-portuguesa e prossegue até à contemporaneidade. Nas suas considerações proémicas as duas editoras advertem para o facto de se ter procurado associar, ao estudo de autores cujas marcas clássicas são por demais conhecidas e avaliadas, outros que têm escapado ao filtro dos ‘estudos de recepção’. Mesmo se os limites de dimensão colocados a cada capítulo por uma publicação conjunta não permitem uma análise minuciosa de cada tema, ainda assim a recolha de tão grande variedade de testemunhos pode funcionar como um inventário útil para posteriores estudos de maior especificidade. Interessante é também que ao estudo do texto literário português, que constitui o grande *corpus* em análise, se venham associar, ainda que pontualmente, outros componentes: um caso que alarga o âmbito da Literatura Portuguesa para o da Literatura de Expressão Portuguesa, o do angolano José Eduardo Agualusa; a reflexão sobre os materiais de suporte para a transmissão dos clássicos, como é o

caso dos incunábulos do poeta latino Estácio, existentes nos fundos da Biblioteca Nacional de Portugal; e, por fim, a abordagem de outras formas de recepção, como o são as artes plásticas. Estes ‘desvios’ do motivo central - textos da Literatura Portuguesa - são ainda bastante tímidos, mas perfeitamente justificados dentro de um plano mais abrangente de entender a transmissão dos clássicos.

M. H. Rocha Pereira começa por coligir, em referências breves, um conjunto de tópicos que identificam etapas essenciais no que contribui para o chamado “milagre grego”. São estas criações literárias ou plásticas, descobertas científicas ou culturais que marcaram para sempre o que se pode designar por ‘mentalidade ou cultura ocidental’ e o seu inventário, mesmo se breve, faz todo o sentido como introdutório aos estudos que se seguem.

Após um capítulo dedicado à “Lírica profana medieval galaico-portuguesa”, “Ecos míticos em Gil Vicente” é um texto que cobre a transição entre essa época e o Renascimento. E porque a organização dos materiais segue, como é natural, uma ordem cronológica, a reflexão sobre textos literários é, neste momento, interrompida pelas páginas intituladas “Leitores portugueses de Estácio: um incunábulo na BN (INC 478)”. Um número abundante e abrangente de estudos é dedicado ao séc. XVI português, quer na sua expressão poética como retórica e dramática, que merece particular - e justificado - destaque do ponto de vista da recepção dos clássicos: “Os clássicos na obra de Anrique da Mota”, “Samuel Usque e a herança clássica”, “O poeta e a loucura: dois poetas manuelinos sob o signo de Saturno”, “Poesia com mundo: O escudo de Aquiles na *Iliada* e a *machina mundi* em *Os Lusíadas*”, “Ecos de la Atlántida en la Isla de los Amores de Camões: Um motivo nacionalista del Renacimiento”, “Anchieta e Camões, épica latina e vernácula no séc. XVI”, “Sobre o lirismo português do século XVI e a retórica”, “*Davo sou e nam Edipo* - A biblioteca teatral de Jorge Ferreira de Vasconcelos”, “A tradição aristotélico-tomista da escravatura nos escritos de Manuel da Nóbrega”, “Transmutando la historia contemporánea en epopeya virgiliana: *La Felicísima victoria* de Jerónimo de Corte Real”, “*La La Felicísima victoria* de Jerónimo de Corte Real y la *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa: dos cantos épicos al reinado de Felipe II”.

Os séc. XVII e XVIII estão mais debilmente representados pelos estudos “Da queda de Tróia à fundação de Lisboa ou de como Gabriel Pereira de Castro espera ‘cantar Ulisses, imitando a Homero’” e “Presença de Ovídio na poesia de António Dinis da Cruz e Silva”. Sobretudo o movimento da

Arcádia Lusitana teria justificado, na perspectiva de um volume temático como este, uma maior amplitude de análises, não fosse tratar-se de recolher os textos que constituíram o programa de um colóquio, onde esses equilíbrios estão fora do controle da organização.

O séc. XIX inclui estudos sobre dois autores incontornáveis da produção literária portuguesa e representativos também da recepção dos clássicos: “Garrett e os livros: a presença dos clássicos na Biblioteca do Conservatório Real de Lisboa”, “*Da História Filosófica do Teatro Português à Memória ao Conservatório sobre Frei Luís de Sousa: a fecundidade do húmus clássico em Garrett*”, “Eça de Queiroz y Alma-Tadema: las rosas de Heliogábalo”, “Ulisses, um herói do seu tempo - Sobre ‘A Perfeição’, de Eça de Queirós”, “De Ovígio a Ítaca: Homero e Eça de Queirós contra a satisfação”.

O séc. XX retoma, com maior fôlego e variedade, inúmeras abordagens do mesmo motivo: “A visão dos clássicos em Fernando Pessoa”, “Fernando Pessoa e Juliano Apóstata, ou o Paganismo reinventado”, “A prosa de Ricardo Reis: Uma religiosidade pagã ou um culto fingido?”, “Choques modernos do pastoril: Cesário em Reis em Saramago”, “Duas versões de pastoral: Caeiro e Carlos de Oliveira”, “*Em demanda dos lugares sagrados: a Grécia de Ruben A.*”, “Alguns exemplos de cruzamento e revisitação de mitos na obra de Natália Correia”, “*Embaixada a Calígula*, ce Agustina Bessa Luís: uma reflexão sobre o presente à luz dos clássicos”, “À espera de Marcelo: Mito e tragédia em *O Irmão* de David Mourão Ferreira”, “A presença clássica no contexto dos *Poemas mudados para portugueses* de Herberto Helder”, “Torga clássico: dos mitos ao Kleos poético. “Nada perdura, e quero que me leias, Eternidade!””, “Mito y literatura griega en *O corpo de Helena* de Paulo José Miranda”, “O labirinto na obra literária de Daniel Faria”.

Por fim, o séc. XXI prossegue, sem quebras, no regresso às fontes greco-latinas, influência de que se não exceptuam alguns dos nomes mais destacados na criação literária, desta vez ‘de expressão portuguesa’: “O perfil estóico do Senhor Calvino n’ *O Bairro* de Gonçalo M. Tavares”, “*O labirinto de Luanda* ou a utilidade dos clássicos em *Barroco Tropical*”, “A pequena flauta da sombra. O classicismo em Sophia de Mello Breyner Andresen”, “O mito do Minotauro em quatro poetas portugueses contemporâneos”, “O trágico como possibilidade n’ *O Estado do Bosque* de Tolentino de Mendonça”, “Efabulações mitológicas ovidianas na poesia de Vasco Graça Moura”, “Humor e reescrita paródica da mitologia na poética de Vasco Graça Moura”.

O volume remata com breves depoimentos de autores em cuja escrita a presença dos clássicos continua marcante; no âmbito da literatura infanto-juvenil, o de Ana Soares e Bárbara Wong, bem como de Hélia Correia, a propósito da sua colecção *Mopsos, o Pequeno Grego*; na poesia, o de Ivone Mendes da Silva, Jaime Rocha e Nuno Júdice.

Todos os artigos são acompanhados de uma bibliografia específica, em geral bem direccionada, oportuna e actualizada. Um índice final de autores e textos citados teria sido da maior valia para facilitar a consulta de um volume tão diversificado no seu conteúdo como este. Variedade que é, de resto, o mérito maior desta publicação, funcionando sobretudo como estímulo a tantos outros estudos ainda por fazer da literatura portuguesa de tema clássico.

MARIA DE FÁTIMA SILVA
fanp13@gmail.com

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_21

PIMENTEL, Miguel Cândido e CARVALHO, Sofia Alexandra (coord.),
António Quadros, Obra, pensamento, contextos, 342 pp., Lisboa,
Universidade Católica, 2016, ISBN 978-9-7254-0477-5

Recensão recebida a 27-05-2016 e aprovada a 29-08-2016

Saudamos a publicação pela Universidade Católica Portuguesa desta importante obra de cariz interdisciplinar sobre António Quadros, coordenada por Manuel Cândido Pimentel e Sofia Carvalho. Uma sentida homenagem ao escritor e ao seu papel no seio da revalorização da cultura portuguesa, que claramente destaca a sua apaixonada luta pela revelação e defesa da singularidade da identidade nacional. Em A. Quadros é a cultura portuguesa que constitui o eixo do pensar, tal é o mote fundamental de todo este livro.

A obra em questão corresponde às atas de um seminário internacional de cariz interdisciplinar que reuniu especialistas de grande nomeada e teve o apoio do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da mesma Universidade, ambos unidades de investigação desta Academia, da Fundação António Quadros e do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.